

Parte I: Testes

1. Alternativa b.

É correta a **alternativa b**, pois o trecho “só a maleita é quem sobe e desce” constitui exemplo de personificação (prosopopeia) por apresentar a doença de forma humanizada através da ação de subir e descer, “olhar e pôr a benção”. Nas demais alternativas, as ações são realizadas por seres humanos.

2. Alternativa d.

A imagem de lágrimas formando um largo rio é exagerada, produzindo um efeito expressivo de hipérbole (figura de linguagem que revela exagero).

3. Alternativa c.

A madrugada é personificada no poema, ela assiste ao sofrimento do casal que se separa e se comove com sua dor. A cada vez que se utiliza o pronome “ela”, o eu lírico refere-se à madrugada, que, triste, “cheia toda de magoa e piedade”, viu as lágrimas e as palavras do casal.

Incorreções:

Alternativa b. “Madrugada” não tem sentido de “mundo”, e não configura, portanto, uma metonímia.

Alternativa c. Na primeira estrofe, não há dois elementos que sejam comparados.

Alternativa d. O *enjambement*, recurso por meio do qual um verso completa o anterior sintática e semanticamente, não foi explorado nos tercetos.

Alternativa e. Há um paradoxo (e não eufemismo) ao se afirmar que as “palavras magoadas” tornaram “o fogo frio”, pela impossibilidade lógica de tornar o fogo frio.

4. Alternativa d.

Há pares de palavras cujos sentidos se opõem mutuamente em “cresce” e “recua”: à medida que passa o tempo e anoitece, a sombra cresce (aumenta) e a luz recua (diminui); o mesmo ocorre na oposição entre “sombra” e “luz”. Nas demais alternativas, não há imagens que se oponham.

5. Alternativa d.

Tanto o Texto de Camões (poeta clássico), quanto o de Raimundo Correia (poeta neoclássico) revelam o gosto pelo soneto e pelos versos decassílabos, forma cultuada entre os clássicos. A escansão dos versos comprova a exploração da Medida nova:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A/que/la/ tris/te e/ le/da/ ma/dru/ga/da,

Chei/a/ to/da/ de/ má/goa e/ de/ pie/da/de,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Es/bra/sei/a o O/ci/den/te/ na a/go/ni/a

O/ sol/... A/ves/ em/ ban/dos/ des/ta/ca/dos,

Além disso, ambos retratam um momento do dia: o de Camões retrata a madrugada que, personificada, compadece-se da dor dos amantes que se separam, o que promove o tom melancólico do soneto.

A chegada do dia explicita-se de forma mais evidente em “dando ao mundo claridade”. O texto de Raimundo Correia também retrata um momento do dia, o anoitecer, que também se associa a uma perspectiva melancólica, sugerida por expressões como “agonia”, “tons suaves de melancolia”, “a natureza apática esmaece”. Essa melancolia, no entanto, não tem uma causa explicitada no poema, pois é decorrente da visão pessoal do eu lírico, o qual enxerga o cair da noite sob essa perspectiva. O poema ainda possibilita a interpretação do final do dia como declínio da vida, o que gera reflexões e sentimentos de tristeza sobre a passagem do tempo, a transitoriedade e efemeridade das coisas. Os versos “Como uma informe nódoa, avulta e cresce/A sombra à proporção que a luz recua...” sugerem o fato de a escuridão se alastrar à medida que a “luz recua”.

6. Alternativa a.

Os sonetos apresentam versos decassílabos, como se evidencia em:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Al/ma/ mi/nha/ gen/til/, que/ te/ par/tis/te
Tão/ c/edo/ des/ta/ vi/da/ des/com/tem/te,
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Num/ quar/to/ de hos/pi/tal/ mo/rri/am/ três/
Ra/quí/ti/cos/, to/ssin/do, em/ ca/la/frio:

Com relação ao gênero, somente o Texto II é narrativo, pois apresenta narrador (em 3.ª pessoa onisciente), personagens (o tio, o órfão e o sobrinho), enredo (desde o momento que estão doentes, passando pelas suas expectativas até sua morte), tempo (decorrido desde o adoecimento até a morte das personagens) e espaço (o hospital). Já o Texto I apresenta um eu lírico que reflete sobre a morte prematura da amada e revela desejos como ela se lembrar dele e ele morrer cedo. Por fim, a antítese, bastante explorada no Texto I (“lá” e “cá”; “céu” e “terra”; “repousa” e “viva”), não se faz presente na primeira estrofe do Texto II, pois não há termos ou expressões que se oponham.

7. Alternativa d.

Em “Roga a Deus, que teus anos encurtou,/Que tão cedo de cá me leve a ver-te,/Quão cedo de meus olhos te levou” fica claro que o eu lírico não se dirige a Deus, ele pede para que a amada rogue a Deus e o leve cedo, assim como a levou.

8. Alternativa d.

Em “repousa”, no Texto I, explora-se o eufemismo para suavizar a ideia da morte. Somente na **alternativa d**, o mesmo acontece em “põe-se a caminho”, como forma de indicar o falecimento da pessoa. As **alternativas d** e **e** não fazem referência à morte e nem a qualquer outra ideia de modo a suavizá-la; as alternativas **a** e **b**, embora se refiram à morte, não suavizam, não amenizam essa ideia.

9. Alternativa b.

Os versos “Um deles já delira, o tal sobrinho,/que sonha estar curado, toma o trem,/do sítio onde nasceu põe-se a caminho./Chegando, encontra os outros dois no Além” esclarecem que a personagem identificada como “sobrinho”, ao chegar ao “além”, encontra as outras duas personagens lá, assim se depreende que ele foi o último a morrer.

Incorreções:

Alternativa a. Os versos “O tio conserva a verve e a lucidez,/dizendo que estão todos por um fio:/De hoje tu não passa, viu, mo fio?” revelam o que o tio disse aos outros dois. Como ele se refere a seu interlocutor de forma vaga (“meu filho”), não é possível definir a quem exatamente ele se dirige.

Alternativa c. Não é possível identificar quem morre primeiro. O texto apenas deixa claro que o sobrinho foi o último a morrer. Com relação ao órfão, o texto apenas explicita que ele demorou um mês para morrer.

Alternativa d. O texto não apresenta a ideia de que cada um deseje que o outro morra antes de si. O tio sabe que estão todos à beira da morte e apresenta a hipótese de quem, segundo sua opinião morreria primeiro. Não se sabe do desejo dos outros nem se isso era um desejo do tio ou apenas uma possibilidade que ele cogitou.

Alternativa e. O verso apresenta um hipérbato. Na ordem direta, teríamos: alguém encontra os mortos rindo no leito.

10. Alternativa d.

Nos versos “Olhai de que esperanças me mantenho!/Vede que perigosas seguranças!”, com os verbos no imperativo, evidencia-se que o eu lírico se dirige aos leitores (**alternativa a**). A concepção clássica de arte também valoriza o comedimento emocional, no entanto, no soneto, a pontuação emotiva (pontos de exclamação) sugere uma postura menos contida inesperada para os padrões clássicos (**alternativa b**). No verso “Busque Amor novas artes, novo engenho”, há referência ao deus do amor (Eros), assim, o poema exemplifica uma constante da arte clássica, a referência a elementos da cultura greco-latina (**alternativa c**). O Maneirismo, estilo prenunciador do Barroco, evidencia-se no poema pelo modo pessimista e angustiado do eu lírico, desassossegado diante de uma realidade instável e insegura (**alternativa e**). A **alternativa d**, porém, está incorreta, pois o poema é lírico (e não narrativo): ele apresenta um eu lírico que revela sua visão (pessimista) da vida, no texto, o eu lírico reflete sobre a impossibilidade de se desvencilhar das artimanhas do amor, de forma subjetiva.

Parte II: Questões

1.

- a. Os textos exploram o tema do fazer poético, o que configura metalinguagem.
- b. Texto I: O eu lírico se dirige aos leitores.
Texto II: O eu lírico se dirige ao nono verso.
Texto III: O eu lírico se dirige ao soneto.

2.

- a. “Escureceu-me o engenho c’o tormento”.
- b. O Amor impede o eu lírico de escrever, porque teme que ele possa revelar os segredos/as astúcias/as maldades dessa divindade aos leitores.

3.

- a. No Texto I, o eu lírico deixa de escrever por causa do Amor, já, no Texto II, o próprio eu lírico não acredita que seja capaz de escrever, ou seja, não há um agente externo que lhe dificulte a escrita, ele próprio não crê em suas habilidades poéticas.
- b. “Melhor será calar, pois que dizer”

4.

- a. Em “É este o último e, como os outros, péssimo...”, há uma comparação, assim como em “que eu te amo e te ergo no ar como uma taça” (Texto II).
- b. Em “Foste a expressão sentimental da raça” ou “Teu lirismo é a nostálgica tristeza”, há metáforas, assim como em “em ti que és dor, temor, glória e desgraça?” (Texto II).
- c. Em “Soneto! Mal de ti falem perversos”/“Canta dentro de ti a ave da graça” há hipérbatos, assim como em “Porém, temendo Amor que aviso desse/Minha escritura a algum juízo isento” (Texto I).